

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ EXPEDIÇÕES CIENTÍFICAS, INVENTÁRIOS, PESTES E EPIDEMIAS NO MUNDO RURAL BRASILEIRO

Valdênio Freitas Meneses¹

 <https://orcid.org/0000-0002-1914-9265>

Leila Maria Pessoa²

 <https://orcid.org/0000-0003-2468-5190>

É com satisfação que a Revista Raízes traz a público o dossiê “Expedições científicas, inventários, pestes e epidemias no mundo rural brasileiro”. Tivemos, como objetivo, atrair artigos científicos em torno de temas como coleções de expedições científicas, inventários, pestes e epidemias que evidenciam processos sobre aspectos sociais, biológicos e históricos do mundo rural. Por ser um tema de amplo interesse de várias áreas do conhecimento, este dossiê acabou realizando uma grande inovação no escopo da Raízes. Sendo uma revista originalmente fundada em temas da economia e sociologia rural, acabamos agregando um conjunto de sete manuscritos com variadas pesquisas em temas, como: mamíferos e peixes usados em artefatos indígenas no século XVIII; estudo citogenético de espécies de pequenos mamíferos, sendo uma endêmica e ameaçada de extinção no norte fluminense; epidemias como a peste; e historiografia de epidemias e secas. Estes recortes múltiplos criaram um mosaico entre estudos sobre métodos e técnicas de ciência, visões sobre a natureza, materiais etnográficos de cientistas expedicionários, relatos sobre “micro-organismos” e doenças, agregando, assim, evidências acerca das desigualdades sociais e processos de dominação, sejam eles coloniais ou da relação entre Estado, elites e populações pobres ou aliadas dos projetos modernos e sanitários.

Portanto, através deste dossiê, a Raízes tenta efetivamente contemplar o desafio da interdisciplinaridade – palavra tantas vezes usada como adorno, aceno ou promessa simplista de “combinar” harmonicamente e de forma difusa diferentes saberes entre pesquisas. Aqui, efetivamente, houve um produtivo “choque” de epistemologias e formas de fazer ciência e pesquisa na medida em que foram convocados ao debate profissionais das áreas de sociologia, história, antropologia, biologia, zoologia, genética e saúde pública. Nessa potência criativa e interdisciplinar, ainda se destaca a variedade regional de pesquisadores vindos de universidades federais e fundações de pesquisa na Paraíba, Pernambuco e Rio de Janeiro, notadamente UFCG, UFRJ, Fiocruz e da Universidade do Porto, Portugal.

¹ Doutor em Ciências Sociais. Professor da Unidade Acadêmica de Ciências e Tecnologia Ambiental (UACTA) e do Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: valdenio.freitas@professor.ufcg.edu.br.

² Doutora em Ciências Biológicas (Zoologia) pela Universidade Estadual Paulista, São Paulo, Professora Titular do Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: pessoa@acd.ufrj.br.

Nesse formato, o dossiê partiu de uma proposta inicial de agregar artigos de um grupo de pesquisadores que se debruçaram sobre fontes produzidas a partir da Viagem Filosófica empreendida por Alexandre Rodrigues Ferreira, que durou nove anos (1783-1792), reconhecida como Primeira Expedição Oficial financiada pela Coroa Portuguesa³ e feita por um cientista baiano no Brasil, ao longo da travessia pelas Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. Desse acervo, boa parte foi publicada na obra *Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira: Coleção Etnográfica*, coletânea de 20 livros, dividida em sete volumes, organizada por José Paulo Monteiro Soares e Cristina Ferrão (2005).

Sendo assim, temos um primeiro bloco com dois estudos de equipes de pesquisadores que se debruçaram nas fontes e coleção da expedição colonial de Alexandre Rodrigues Ferreira (chamaremos a partir daqui ARF) na sua *Viagem Filosófica*. Primeiro, o texto “O peixe além da pesca: o contexto pesqueiro e o papel cultural da ictiofauna encontrada na coleção etnográfica da *Viagem Filosófica* de Alexandre Rodrigues Ferreira (1783-1792)”. Nesse artigo, de autoria de Sérgio Santos (IB-UFRJ), Mércia Batista (UFCG), André Silva (IB-UFRJ) e Leila Pessoa (IB-UFRJ), a Viagem Filosófica é localizada como as expedições científicas ocidentais dos séculos XVI a XIX, fomentadas no contexto de disputas imperiais, que recolheram artefatos e registraram o modo de vida de centenas de culturas presentes nos territórios conquistados. A Coleção Etnográfica foi analisada com foco nas contribuições ligadas à pesca e aos peixes representados, para o entendimento da importância da produção pesqueira, à época. Na conclusão, a equipe de autores reflete como a expedição de ARF evidenciou um quadro de profunda mudança tecnológica, com incorporação de petrechos e técnicas europeias adaptadas à realidade amazônica, assim como a disseminação de técnicas não-seletivas. Um dos pontos altos da pesquisa é a comparação da identificação taxonômica das representações dos peixes, comparando os elementos iconográficos com dados zoológicos contemporâneos e com descrições históricas presentes nos manuscritos. Isso implica uma análise simbólica e cultural desses animais no contexto das comunidades indígenas retratadas.

Saindo das águas, temos um segundo texto que nos remete à expedição ARF, intitulado: Mamíferos presentes no material etnográfico coligido na expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brasil (1783-1792), de autoria de André Silva (IB-UFRJ), Sergio Santos (IB-UFRJ), Mércia Rejane (UFCG), Luís Ceríaco (CIBIO/InBIO) e Leila Maria Pessoa (IB-UFRJ). O texto destaca a localização geográfica do acervo da coleção de ARF em Portugal, no Museu da Academia das Ciências de Lisboa (MACL) e no Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC). O artigo inventaria os mamíferos utilizados em artefatos indígenas e classificados em oito das onze ordens existentes no Brasil: Artiodactyla, Carnivora, Cingulata, Perissodactyla, Pilosa, Primates, Rodentia e

³ Para acervo virtual ver: <https://www.galeria-arf-acad-ciencias.pt/>.

Sirenia. Destaca-se, por fim, as ordens Artiodactyla e Sirenia que tiveram o maior número de artefatos relacionados: essas ordens com espécies de grande porte e com ampla distribuição eram utilizadas na alimentação e produção dos artefatos pertencentes a etnias viventes, mas também a extintas que viveram até o período colonial do Brasil. Aqui faz-se menção às memórias relacionadas às máscaras de ritual de caças dos Jurupixunas que viviam na Amazônia no período da expedição de ARF.

Ainda nesse bloco das expedições, temos o fechamento com um artigo que trata de mamíferos, mas que não remete à Viagem de ARF, sendo voltado para pesquisas contemporâneas no litoral do Rio de Janeiro. O texto: “Expedição à Restinga de Quissamã, Litoral Norte do Rio de Janeiro, dados citogenéticos de Pequenos Mamíferos: implicações conservacionistas para uma espécie ameaçada de extinção”. A autoria é de Fernando Sant’Anna (IB-UFRJ), Leila Pessoa (IB-UFRJ), Margaret Correa (UFRJ), Pablo Gonçalves (UFRJ), William Tavares (UFRJ). Nesse texto, os pesquisadores focam em uma espécie de mamífero endêmica recentemente descrita da restinga e já ameaçada extinção. O litoral norte do Rio de Janeiro abriga uma das mais extensas restingas do Brasil, atualmente protegida pelo Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, que abrange os municípios de Carapebus, Macaé e parte de Quissamã. Nesse estudo, foram abordadas também mais quatro espécies, com foco na análise citogenética comparativa, visando caracterizar os primeiros cariótipos de mamíferos registrados para essa região, com ênfase no roedor *Cerradomys goitaca*.

Seguindo no tema das expedições coloniais, mas saindo do material da ARF, temos o texto Enunciando expedições: Wilson Seixas e os discursos das entradas e conquistas nos sertões da paraíba na obra “O Velho Arraial de Piranhas (Pombal)” (1962-2004), de autoria de Emerson Ferreira de Sousa (UFRN/UFCG). A principal fonte escrita do artigo é um livro que narra a fundação do município de Pombal, localizado no sertão paraibano. A obra é publicada no século XX, mas constrói versões de processos históricos ocorridos no período colonial, frentes de conquistas e a colonização nos Sertões da Capitania da Parahyba do Norte de fins do século XVII e início do século XVIII. Faz um procedimento comum a esse tipo de escrita memorial: apresentar fatos, documentos, personagens, datas, instituições e práticas culturais consideradas marcantes para a história de Pombal, desde o período anterior à colonização sertaneja até meados do século XX. Lançada em 1962, a obra, como a de Wilson Seixas, consagrou versões históricas das entradas e bandeiras, narrando-as junto ao intuito de enaltece-las com signos de coragem e bravura por parte de indivíduos que “descortinaram” os sertões ditos misteriosos. Nessa fabricação de uma história dos Sertões da Paraíba, notadamente a história da sua cidade, Pombal, foi dominante e influente em outros memorialistas locais do sertão paraibano, sendo resiliente até mesmo diante da emergência de uma historiografia acadêmica no Estado da Paraíba, a partir da década de 1970.

As pestes epidêmicas entraram em cena nos sertões do Nordeste – ou antigo “Norte” do Brasil, como chamado no século XIX – a partir do artigo Gente de reputação, pestes e secas: retalhos

históricos da desigualdade social e “epidêmica” nos sertões nordestinos, de autoria de Aldo Branquinho Nunes (UEPB) e Valdênio Meneses (UFCG). A reflexão desse texto aponta a relação entre episódios que articularam ondas de estiagem, engenharias de açudagem, desigualdades no acesso à água e epidemias que causaram grandes ondas de mortalidade, principalmente em meio às populações mais pobres, entre os séculos XIX e XX. Recortes de jornais, diários de engenheiros, assim como acervo fotográficos são mobilizados para relacionar a epidemia da *Cholera morbus* ao longo do ano de 1854 (Pernambuco), a febre amarela, junto à varíola – conhecida como “Bexiga” – na seca de 1877 (Ceará), bem como a mortalidade de febre tifoide na região do Alto Rio Piranhas, na Paraíba, durante obras de açudagem na seca de 1932. Se a estatística coloca milhares de pessoas como retirantes, saqueadoras de feiras ou mortos “anônimos”, temos esses eventos lembrados em nomes como “Mazela”, “Cranco”, “Ganguena”, “Bobonhica”, dentre outros termos presentes no vocabulário de “palavrões”, nos sotaques de pessoas oriundas de áreas do sertão nordestino.

Saltando para a segunda metade do século XX, o tema das doenças no Nordeste brasileiro também é enfatizado em dois artigos que fecham o dossiê: Episódios da luta contra a peste no Brasil, da chegada a Santos à contemporaneidade, seguido do texto Revisitando a história: na rota da peste no estado de Pernambuco, ambos de autoria de Alzira Maria Paiva de Almeida (Fiocruz/PE), Marise Sobreira (FIOCRUZ/ PE), Constança Simões Barbosa (FIOCRUZ/PE), Cristina Araripe Ferreira (FIOCRUZ), João Alves de Oliveira (Museu Nacional/UFRJ), Leila Maria Pessôa (IB/UFRJ), Mércia Rejane Rangel Batista (UFCG), Carlos Saldanha Machado (FIOCRUZ) e Elaine Christine Sousa Gomes (FIOCRUZ/PE).

O primeiro artigo traz um apanhado dos diversos programas de controle de doenças no século XX, descrevendo a trajetória da ciência e da tecnologia aplicadas na saúde pública brasileira. Desde a Fundação Oswaldo Cruz até Instituto Butantã, são também citados o Serviço Nacional de Peste (SNP), as ações do Departamento Nacional de Endemias Rurais (DNERu) e do Instituto Nacional de Endemias Rurais (INERu), além da criação do Plano Piloto de Peste (PPP) e do Serviço de Referência Nacional de Peste (SRP). A pesquisa foca na expedição guiada pelo então diretor do Instituto Pasteur do Irã, especialista e consultor em peste da OMS, Marcel Baltazard (1908-1971), em 1965. O artigo ainda narra o retorno de pesquisadores à região em que foram implementados laboratórios de monitoramento das pestes, no início do século XXI, durante um cenário de envelhecimento e de aposentadoria dos profissionais efetivos, além da substituição por servidores contratados pelos municípios sob regimes precários.

Nesse balanço temporal e histórico das revisitas ao local dos laboratórios e aos arquivos de pesquisa, foi gerado o acervo fotográfico do segundo texto da equipe, evidenciando o sucateamento das estruturas físicas das instalações, postos de coleta e laboratórios do interior de Pernambuco. Desde as técnicas de combate a doenças e seus transmissores, o artigo reforça necessidade da vigilância

epidemiológica da peste, aproveitando a experiência no monitoramento em áreas endêmicas, diante do padrão de reemergência característico da doença após décadas de silêncio epidemiológico.

Reafirmamos, aqui, o valoroso esforço de pesquisadoras e pesquisadores que buscaram, com este dossiê, produzir reflexões a partir de singulares acervos documentais – espécimes preservados em museus, livros, diários, fotografias, arquivos de laboratório dentre outros. Portanto, buscou-se, aqui, analisar processos sociais, científicos, históricos e políticos que envolvem expedições coloniais até ondas de doenças como peste bubônica, febre amarela, cólera e uma variedade de recortes temporais, regiões e municípios estudados segundo as situações de pesquisa. Convidamos então à leitura e ao debate.